

Ócio & Negócios

Bitcoin: O jogo da cadeira digital

Imagine um jogo de cadeiras onde, em vez de música, temos tweets de Elon Musk, e as cadeiras são carteiras digitais. Todos dançam animados, comprando bitcoins na esperança de que, quando a música parar, estarão sentados confortavelmente sobre uma fortuna. Mas eis o dilema: há menos cadeiras do que dançarinos, e algumas estão programadas para desaparecer de cada vez que a música para.

Os mineradores, esses incansáveis operários digitais, gastam mais energia do que países inteiros para encontrar a próxima



cadeira premiada. Enquanto isso, os fãs das criptomoedas proclamam: “Esta é a moeda do futuro!”, mesmo que ninguém consiga comprar um café com a moeda sem pagar uma taxa de transação que daria para comprar

uma cafeteria.

E quando alguém questiona o valor intrínseco do bitcoin, a resposta é sempre a mesma: “É descentralizado!” — como se isso explicasse tudo, desde a volatilidade extrema até às histórias de pessoas que perderam milhões por esquecerem uma password.

No final, o jogo continua, impulsionado pela esperança de que a próxima cadeira seja de ouro. Mas não se esqueça: no mundo das criptomoedas, a única certeza é que, quando a música parar, alguém vai ficar de pé... e sem carteira.

Costa contra Costa: o litígio que acabou em bonança

«Depois de três anos a navegar em águas turbulentas, António Costa e Carlos Costa finalmente atracaram no porto da reconciliação. O litígio que os separava foi encerrado com um acordo extrajudicial, logo após o Tribunal da Relação de Lisboa levantar o sigilo sobre atas do Banco de Portugal. Coincidência? Só o destino e a senhora Justiça — que, ao que parece, tirou finalmente a venda para ler umas atas — saberão.

Tudo começou com uma alegada frase sobre “não tratar mal a filha de um presidente amigo”. O problema é que a filha — Isabel dos Santos — foi depois tão maltratada pelas autoridades judiciais que acabou com um mandado de captura internacional. No acordo final, ambos re-



conheceram a “boa-fé mútua”. António Costa disse que Carlos Costa só queria proteger o sistema bancário. Carlos Costa admitiu que António Costa apenas



queria facilitar a OPA ao BPI por parte de Lá Caixa.

O caso fecha-se assim com honras e dois processos judiciais encerrados.

Crescimento à Portuguesa

O Governo diz que vamos crescer 2,4%. A Comissão Europeia, mais contida, atira-nos só 1,8%. A diferença parece pequena, mas, em matéria de otimismo económico, 0,6% é o equivalente a prometer bacalhau com todos e só servir azeitonas.

O Executivo português, com a sua tradicional fé inabalável, continua a acreditar que somos uma startup em aceleração, en-

quanto Bruxelas olha para nós como aquela empresa simpática que tem potencial... mas ainda precisa de mais uns PowerPoints.

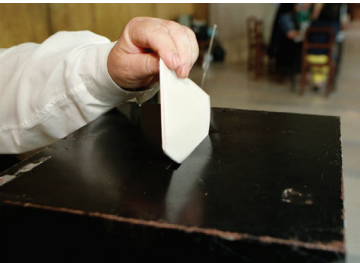
Na verdade, isto é como quando vamos ao médico (Bruxelas) e ele diz que estamos com o colesterol alto, mas a avó (o Governo) garante que estamos “é magrinhos demais” e ainda manda vir mais uma pratada de arroz de pato.

No fundo, os nossos governantes são como aqueles pais que veem sempre um futuro brilhante no filho que repete o 12.º ano pela quarta vez. “Este ano é que é!”

Quem está certo? Não sabemos. Mas uma coisa é certa: o crescimento continua a ser o desporto nacional preferido. Crescimento da dívida, das filas na saúde, da paciência do contribuinte... Enfim, alguma coisa há de crescer.

Portugal, o paraíso dos contadores de votos, com feriado pago

Em Portugal, ser membro das mesas de voto é um verdadeiro negócio da China. Afinal, quem diria que passar um domingo a contar votos valia mais do que um dia a contar likes no Instagram? Por 60,57 euros por cabeça, que representa um custo de 4,4 milhões de euros para o Estado, os nossos heróis das urnas não só garantem que o país mantém o seu espírito democrático, como ainda asseguram um “feriado” pago no dia seguinte — porque contar boletins é um desporto radical



que exige recuperação muscular.

Enquanto isso, na Alemanha e na Bélgica, os colegas europeus fazem o mesmo trabalho por 25 ou 35 euros. Ora, ou os votos de-

les são mais leves, ou nós andamos a pagar horas extra em troca de bifanas.

Portugal pode não ter salários milionários, mas na arte de pagar para contar votos, somos campeões europeus. Por este andar, ainda acabamos a exportar escrutinadores profissionais. Só falta o INE começar a incluir esta profissão nas estatísticas do emprego. E pronto, já está encontrada a nova profissão de sonho: “Contador de votos — com um dia de folga e almoço incluído”.

Sanderó superstar: o improvável herói das estradas portuguesas



Quem diria? O Dacia Sanderó — esse herói discreto que muitos ainda confundem com um carro de cortesia — é agora o campeão absoluto das estradas nacionais. Com 7.760 unidades matriculadas, o Sanderó ultrapassou o Peugeot 2008, antigo líder e habitué do pódio automóvel, por uns respeitáveis 240 carros. Nada mau para um modelo que, durante anos, foi descrito como “barato, mas honesto”, o equivalente automóvel a uma sandes de queijo com fiambre: simples, mas cumpre.

Especialistas dizem que o se-

gredo está na relação qualidade/preço. Outros suspeitam que os portugueses simplesmente decidiram boicotar o GPS emocional do Peugeot 2008, que insiste em mandá-los para ruas sem saída com a confiança de um guru. O Sanderó, por sua vez, não promete luxos, mas também não tenta controlar a sua vida — um ponto a favor num país onde até o trânsito é teimoso.

Se isto não é o triunfo da humildade sobre a ostentação, não sabemos o que é. Façam silêncio e respeitem: o Sanderó está a passar.

Pedro Nuno Santos demite-se e o GPS da esquerda recalcula rota

Depois dos resultados eleitorais menos “cor-de-rosa” para o PS, Pedro Nuno Santos fez aquilo que qualquer bom líder faz quando o GPS indica “Caminho sem saída”: saiu do carro e entregou as chaves. A derrota foi daquelas que nem o discurso mais apaixonado consegue amortecer — e o “comboio” que o ex-ministro tanto adorava parece ter descarrilhado na estação das urnas.

Com a mesma convicção com que defendeu o aeroporto no Montijo, Pedro Nuno anunciou a demissão. Foi um momento solene, interrompido apenas pelo barulho de várias cadeiras a arrastarem-se discretamente para mais longe do epicentro da derrota. Há quem diga que o PS vai agora fazer uma pausa para “reorganizar ideias” — também conhecido como “passar a pente fino os



ficheiros Excel com candidatos disponíveis”.

Enquanto isso, Pedro Nuno já deve estar a atualizar o LinkedIn e a ponderar um período sabático. Ou, quem sabe, a candidatar-se à presidência do Sporting, apresentando-se como alguém com coragem para mudanças radicais.

Euribor teima em não descer dos 2%

A Euribor continua em cima do muro, firme e hirta, como quem diz: “Descer? Eu? Só se for para apanhar ar!” Com os juros a manterem-se acima dos 2%, os portugueses olham para as prestações da casa como quem espreita a fatura da luz: com os olhos semicerrados e uma prece nos lábios.

O sonho de ver a Euribor de volta àquela versão simpática abaixo de 1%, onde se comportava como um amigo que só pedia boleia de vez em quando, parece cada vez mais um episódio antigo de uma série que já foi cancelada. O BCE, por sua vez, finge que não é nada com ele, como quem



passa por um vizinho chato no corredor e olha para o telemóvel.

Para as famílias e as empresas, a Euribor próxima de zero continua a ser um desejo que não se concretiza. Até lá, é manter a calma, evitar olhar para o extrato bancário antes do café e esperar que a Euribor, um dia, resolva acordar mais bem-disposta.